

Ponto de vista

O que comemorar no Dia Mundial da Água?

Dois especialistas alertam para os riscos da escassez e apontam medidas simples para reverter a situação

Marta Regina Lopes

Previsões sombrias

Inúmeras são as previsões relativas à escassez de água, em consequência da desconsideração da sua esgotabilidade. A água é um dos recursos naturais fundamentais para as diferentes atividades humanas e para a vida, de uma forma geral. Apesar de muitos entenderem que o ciclo natural da água promove a sua recuperação, na prática não é o que se observa, tendo em vista os inúmeros fatores que interferem neste ciclo hidrológico.

A falta de água traz como efeito a seca, que possui diversas faces dependendo da ótica da observação. A mais comum é a seca climatológica, que desencadeia o processo, seguida da seca das terras e a conseqüente seca social, com os respectivos danos e mazelas causados. A seca hidrológica representa a falta de água nos reservatórios e mananciais.

O Brasil detém 13% das reservas de água doce do Planeta, que são de apenas 3%. Esta visão de abundância, aliada à grande dimensão continental do País, favoreceu o desenvolvimento de uma consciência de inesgotabilidade, isto é, um consumo distante dos princípios de sustentabilidade e sem preocupação com a escassez.

A elevada taxa de desperdício de água no Brasil - 70% -, comprova essa despreocupação. A oferta gratuita de recursos naturais pela natureza e a crença de sua capacidade ilimitada de recuperação frente às ações exploratórias, contribuiu para essa postura descomprometida com a proteção e o equilíbrio ecológico. Por outro lado, a indústria tem percebido, cada vez mais, a indissociabilidade entre a conservação dos recursos naturais e a ecoeficiência ambiental.

É preciso que esta inter-relação seja, assimilada e internalizada na prática diária de cada cidadão. Mesmo em regiões brasileiras, onde as reservas hídricas geralmente atendem as necessidades de uso, em algumas épocas do ano são relativamente comuns os períodos de escassez, em atividades produtivas, devido às condições climáticas adversas e/ou aumento de demanda em atividades produtivas, como o caso da cultura do arroz, no verão, no Sul do Brasil.

Buscando equilibrar as necessidades para o abastecimento das populações e para a atividade produtiva e, ainda, minimizar as consequências sociais da seca, estratégias de racionalização e de racionamento são estabelecidas. Esta situação gera um nítido conflito entre os usuários e os usos da água. A solução para este tipo de conflito está na gestão deste recurso, que inicia-se pela racionalização de consumo, acrescida do estabelecimento de estratégias de reuso, tanto nas práticas agrícolas quanto nas atividades cotidianas residenciais, comerciais e industriais.

A relação do homem com a natureza, baseada no indesejável tripé do descomprometimento, inesgotabilidade e irresponsabilidade, poderá consumir as previsões mais catastróficas, inviabilizando a vida na Terra. Portanto, é fundamental entender que somos parte integrante do meio ambiente e responsáveis pela proteção da qualidade de vida no planeta.

■ ■ Marta Regina Lopes é engenheira e professora universitária.

Marco Aurélio Teixeira

O custo de um pingo

Entra ano e sai ano e, pelo menos por um dia, a questão da água vem à tona. Desde 1992, a ONU determinou que o dia 22 de março teria essa incumbência. Nessa data e na véspera dela, literalmente, 'chovem' reportagens na mídia sobre o perigo da escassez de água no planeta. No entanto, muito mais até do que a reserva de água disponível, o controle, o gerenciamento e a distribuição, embora parcamente discutidos, são os grandes desafios a serem enfrentados.

Do ponto de vista local, ou mesmo dentro de uma conjuntura global, observa-se que a distribuição de água é cada vez mais irregular, seja pelas características geográficas, seja pelos deslocamentos urbanos. A América do Sul, por exemplo, dispõe da quarta parte da água disponível em todo o mundo, abriga apenas 6% da população. No extremo oposto, 60% dos habitantes do planeta vivem na Ásia, que não dispõe de mais do que um terço dos recursos em água existentes.

Não precisamos ir tão longe. A Amazônia, o lugar mais rico em água potável superficial de todo o planeta, está distante de todos os grandes centros urbanos nacionais. E esses centros urbanos, diga-se de passagem, não param de crescer. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas, até 2030, 5 bilhões de pessoas, o equivalente a 60% da população mundial, viverão neles. Em 2050, esse percentual subirá para 70%.

Esse contexto já vem gerando desdobramentos, no mínimo, preocupantes. Especula-se, por exemplo, que alguns países mais pródigos em recursos hídricos estejam estudando possibilidades de comercializar seus excedentes, assim como acontece com o petróleo. Não cabe aqui julgá-los, mas entender a grandiosidade e urgência da questão.

Contudo, não dá mais para falar em escassez, de um lado, e desperdício, de outro, sem antes falar da gestão da água. E nesse sentido, tecnologia e conectividade são as palavras chave. Somente sabendo como, quando e, sobretudo, onde se gasta mais; será possível corrigir distorções e redirecionar os fluxos de distribuição.

É fato que as pessoas, cada vez mais, estão atentas para as consequências de suas ações no meio ambiente, mas quando não se tem a exata noção desse impacto, fica difícil adotar medidas capazes de reduzir ou, ao menos, ajustar um determinado comportamento. Grande parte das pessoas não sabem quanto, muito menos como, consomem água, e não é por falta de interesse. Apenas por meio de consumidores capazes de controlar de perto seu consumo de água, haverá condições de preservar e gerenciar bem tão precioso.

O que se espera, enfim, é que aliada às campanhas deste ano para fechar direito as torneiras, regular chuveiros e vasos sanitários, seja levantada uma bandeira para que todos tenham o direito à informação, na plataforma que escolherem e com a periodicidade desejada, de quanto custa um pingão d'água. Simples e extremamente útil. Até porque não dá para pensar em consumo consciente sem saber o que se consome.

■ ■ Marco Aurélio Teixeira é gerente de medição de água.